



## Mutilação Genital Feminina

Mudar "valores e práticas" é o principal objetivo do programa de ação do Governo

2011-02-08, 12h59

Lisboa, 08 fev (Lusa) -- Promover uma "mudança de valores e de práticas" é o objetivo central do segundo programa de ação sobre mutilação genital feminina, resumiu hoje a secretária de Estado da Igualdade, lembrando que "a cultura não é estática".

Na apresentação do II Programa de Ação para a Eliminação da Mutilação Genital Feminina 2011-2013, que está a decorrer na Maternidade Alfredo da Costa, em Lisboa, a secretária de Estado da Igualdade, Elza Pais, sublinhou que o respeito por outras culturas "não significa a aceitação de práticas tradicionais nocivas" e que a mutilação genital feminina (MGF) constitui uma "atroz violação dos direitos humanos".

O facto de, na grande maioria dos cerca de 30 países onde está enraizada, a prática ser perpetrada por mulheres significa apenas que estas mulheres são "veículos de uma cultura que as subjuga, as anula, as viola", sustenta Elza Pais.

Mudar o esquema de valores que tem sustentado a MGF ao longo de séculos "não é fácil, mas é possível", acredita a secretária de Estado, realçando que "muitos profissionais [de saúde] não estão sequer atentos nem alertados para esta realidade". O segundo programa de ação aposta por isso na sua "formação, informação e sensibilização".

O presidente do conselho de administração da Maternidade Alfredo da Costa, Jorge Branco, realçou que esta unidade é o "hospital da mulher" e, portanto, "o lugar certo" para debater o tema.

Para todos, "mas sobretudo para os ginecologistas", sublinhou o médico, a MGF é "uma barbaridade, muitas vezes perpetrada pela família, e tudo o que se possa fazer para progressivamente impedir que isto aconteça é um bem para a toda a Humanidade".

Já Antónia Almeida Santos, coordenadora do Grupo Parlamentar sobre População e Desenvolvimento, defendeu que a "tendência para criminalizar serve também para esconder", frisando que a MGF "é um tema complexo", que exige "muita sensibilidade", mas sem "nunca [se] pactuar com uma situação destas".

Recordando que "foi preciso ir à Guiné para ter a noção" do que implica uma mutilação genital, a deputada socialista acredita que "a prevenção, para já, é um bom caminho".

Também presente na sessão que assinala o Dia Internacional de Tolerância Zero à MGF, a Embaixadora da Boa Vontade do Fundo das Nações Unidas para a População, Catarina Furtado, saudou o facto de o assunto "ter saído da sua concha-tabu". Recordou que soube exatamente o que significa uma mutilação genital quando ouviu o relato na primeira pessoa da modelo somali Waris Dirie, alvo de uma mutilação

genital aos cinco anos e também ela embaixadora da ONU desde que assumiu publicamente as suas "cicatrizes no corpo e na memória".

SBR.

Fonte: Agência LUSA

---